

Na próxima segunda-feira, Pernambuco comemora os 136 anos de nascimento de Joaquim Nabuco. Para marcar a data, a Fundação que recebeu o nome do abolicionista programou uma série de eventos culturais, que começa com a inauguração do Centro de Cultura Mauro Mota, às 16h de hoje, na Rua Henrique Dias, 609, no Derby. Uma hora mais tarde, o escritor Gilberto Freyre lançará uma nova edição do livro «Vida Social do Brasil nos Meados do Século XIX», na Biblioteca Anibal Fernandes.

As homenagens se desenvolverão



Embaixador nos EUA, em 1905

na segunda-feira, às 10h, com a inauguração da exposição itinerante — «Viajando com Nabuco», na Escola Joaquim Nabuco, onde ficará por 30 dias. Às 17h haverá uma apresentação de música erudita com o conjunto da Universidade da Paraíba; às 17h30m, será entregue a medalha Massangana ao ex-secretário-geral do MEC, Mário Pasquali; e, às 19h, será inaugurada a Sala Aloísio Magalhães. As homenagens a Nabuco serão encerradas no dia 20, com a instalação de uma amostra de livros seus, às 10h, em Apipucos.

JOAQUIM NABUCO

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

# Há 136 anos nascia o abolicionista

Filho de dona Lia Benigna de Sá Barreto e do conselheiro José Thomas Nabuco de Araújo, nasceu, no dia 19 de agosto de 1849, JOAQUIM Aurélio Barreto NABUCO de Araújo — JOAQUIM NABUCO, na cidade do Recife, no Aterro da Boa Vista, atual rua da Imperatriz, nº 39. Como todo menino nordestino, JOAQUIM NABUCO teve uma infância povoada de papagaios, estórias de trançosos, brincadeiras de pega, de boca-de-forno de manja de adivinhações, subindo em cajueiros golabeiras, uma infância repartida entre o urbano e o rural.

Até os oito anos de idade viveu no engenho Massangana, Município do Cabo, Pernambuco, na companhia de sua madrinha Dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, falecida em 1857, quando o menino Joaquim Nabuco passou a viver com seus pais, no Rio de Janeiro. Em seu livro intitulado "Minha formação", Joaquim Nabuco nos fala de sua vida no engenho Massangana:

"Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva. Passei esse período inicial em um engenho de Pernambuco, minha província natal. A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo... A população do pequeno domínio, inteiramente fechada a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro... Na planície estendiam-se os canaviais cortados pela alameda tortuosa de antigos ingleses carregados de musgos e cipós que sombreavam de lado a lado o pequeno Rio Ipojuca... De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar da areia da praia e ouvirão o ruído da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas caídas da moenda e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois".

## O jovem

Depois de cursar os melhores colégios do Rio de Janeiro Joaquim Nabuco matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde fez os três primeiros anos do curso. Como estudante, defendeu, no Tribunal do Júri, um escravo que assassinou seu senhor, vingando-se por haver sido injustamente espancado em público.

Foi, entretanto, na Faculdade de Direito do Recife que Joaquim Nabuco concluiu seu curso, colando grau no dia 3 de dezembro de 1874, conforme diploma assinado pelo Visconde de Camaragibe, diretor da Faculdade.

Dois anos depois de formado, Joaquim Nabuco publicou seu primeiro livro intitulado CAMÕES E OS LUSÍADAS, estudo literário bem recebido pelos intelectuais da época.

Combatendo, com todas as suas forças, a escravidão e a pena de morte, Joaquim Nabuco não podia contar nunca com a simpatia e o apoio dos fazendeiros donos de escravos para ingressar na política. E como seu pai era senador que gozava de muito prestígio, conseguiu seu acesso à carreira diplomática como adido à Legação do Brasil em Washington, em 1876 e 1877 e, depois, no ano de 1878, em Londres.

Em 1878, com a ascensão do Partido Liberal, Joaquim Nabuco teve, então, sua oportunidade de ingressar na política, devido à influência do Barão de Vila Bela, Domingos de Souza Leão. Apesar de ser o último da lista, Joaquim Nabuco foi eleito deputado e defendeu a eleição direta, a presença dos acatólicos no Parlamento e a emancipação dos escravos, sem nenhuma indenização.

No dia 1º de novembro de 1880 circulou o nº 1 do jornal o ABOLICIONISTA, órgão da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, do Rio de Janeiro, sociedade que, fundada a 7 de setembro do mesmo ano, teve na pessoa de Joaquim Nabuco seu primeiro presidente. "É para lutar contra a escravidão que este jornal aparece; é para denunciar os abusos e os tristes episódios; é para formar o arquivo histórico em que, no futuro, as gerações que se sucederem possam ver a degradação do nosso tempo e odiar para sempre o estigma impresso na fronte da nação brasileira pelo tráfico de escravos que ela tolera em pleno século XIX".

Excluído da chapa de deputados por Pernambuco, Joaquim Nabuco candidatou-se, na eleição seguinte, pelo Município Neutro, conseguindo pouco mais de noventa votos. Desgostoso, Joaquim Nabuco seguiu para a Europa, e Londres foi a sede de seu exílio voluntário. Lá, escreveu O ABOLICIONISMO (1883), expondo suas idéias sobre o assunto que sempre foi seu sonho maior. Em O ABOLICIONISMO, Joaquim Nabuco fala até em reforma agrária. Em Londres, entrou em contacto com a ANTI-SLAVERY SOCIETY e foi mandado a Milão, na Itália, como seu representante no Congresso para a Reforma do Direito das Gentes.

## Os diplomas

Como líder da campanha contra a escravidão no Brasil, Joaquim Nabuco recebeu, entre muitos, diploma de benemérito da Sociedade Libertadora Bahiense, de Salvador; da Sociedade Libertadora Mossoroense, de Mossoró, Rio Grande do Norte; da Ave Libertas, do Recife; da Sociedade Abolicionista Espanhola; da Comissão Central Emancipadora, do Recife; da The Hispanic Society of America; da The Royal Geographical Society of London; da Universitatis Valensia e muitos outros.

Em 1884, ainda na Europa, Joaquim Nabuco não aceitou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional que lhe foi oferecido. Regressou ao Brasil pouco antes do Gabinete Liberal, presidido pelo senador Dantas, haver apresentado o projeto de libertação de escravos maiores de sessenta anos. Goiás, Bahia e o Município Neutro propuseram sua candidatura, mas Nabuco preferiu concorrer em sua terra. No Recife, o candidato conservador — Conselheiro Portela — ganhou por uma pequena margem de votos; mas, em virtude do falecimento de ANTÔNIO EPAMINONDAS DE MELO — eleito deputado geral pelo 5º Distrito e por força da desistência de Ermirio Coutinho e de José Francisco de Moura Cavalcanti, Joaquim Nabuco se elegeu espetacularmente.

Sem abandonar o comando da campanha contra a escravidão Joaquim Nabuco se apaixonou pela causa da federação. Em 1888 deu todo seu apoio ao Gabinete conservador de João Alfredo que votou a Lei Áurea e foi um livre atrevido quanto ao último gabinete monárquico, presidido por Ouro Preto. Advocou a adoção de uma monarquia federativa e popular, sob a regência da Princesa Isabel.

## O casamento

Em 1886, último ano da monarquia, Joaquim Nabuco, com quarenta anos de idade, casou-se com dona Evelina Torres Ribeiro, da nobreza rural fluminense. Sobre dona Evelina escreveu Gilberto Freyre no "Diário de Pernambuco", de 25 de janeiro de 1948: "Em dona Evelina Nabuco encontrei uma das mais ilustres sobreviventes do Brasil monárquico, que foi também o Brasil dos grandes dias de seu marido...".

Com a proclamação da República, procurou refúgio em suas atividades de escritor. Em 1897 foi, por um grupo de homens de letras entre os quais MACHADO DE ASSIS, seu grande amigo, fundada, no Rio de Janeiro, a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS e Joaquim Nabuco foi eleito secretário perpétuo, havendo proferido o discurso inaugural.

Publicou, em 1898, UM ESTADISTA DO IMPÉRIO, biografia de seu pai, o senador Nabuco de Araújo e em 1900, MINHA FORMAÇÃO, livro traduzido em muitas línguas e ainda hoje lido com muito agrado pelos que desejam conhecer não somente o grande brasileiro como também o retrato da época em que ele viveu.

Dez anos depois da extinção da monarquia, JOAQUIM NABUCO aceitou o convite que lhe fez o presidente Campos Sales para ser advogado do Governo Brasileiro na questão de limites com a Guiana Inglesa, em 1899. Em 1901 assinou, com Lord Lansdowne e foi tratado em que o Brasil e a Inglaterra escolham o rei Vitor Emanuel como árbitro da questão.

## O ministro

Com Graça Aranha e Magalhães de Almeida, em 1904, Joaquim Nabuco tomou conhecimento, em Roma, do laudo que dividia em duas partes iguais o território em litígio. Em 1902, Joaquim Nabuco deu continuidade à sua carreira diplomática, aceitando sua nomeação para o elevado cargo de ministro do Brasil em Londres.

Em 1905 o governo brasileiro nomeou Joaquim Nabuco seu embaixador em Washington, ocasião em que veio ao Brasil com a finalidade de presidir a III Conferência Panamericana. Foi esta a última vez que aqui esteve com vida.

Participou em 1908 da solenidade que teve lugar em Washington, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edifício da União Panamericana que contou com a participação de embaixadores de todas as nações do continente.

No dia 17 de janeiro de 1910, na cidade de Washington, faleceu Joaquim Nabuco, com 60 anos, 4 meses e 29 dias.

Seu corpo, com todas as honras a que têm direito os grandes estadistas, foi transportado para o Brasil pelo cruzador americano NORTH CAROLINA, escoltado pelo cruzado MINAS GERAIS, da Marinha brasileira, e sepultado no cemitério de Santo Amaro, no Recife.

MÁRIO SOUTO MAIOR

## PAI DE SANTO

Dentro das comemorações do mês do folclore, uma atração inusitada no Pátio de São Pedro, nas noites do final de semana: o pai de santo Carlos, que armou sua tenda na casa 11, onde atende as pessoas que desejam saber a sorte através dos búzios e, também fazer consultas dentro da linha de umbanda.

# O QUE DIZ A BOLA DE CRISTAL

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

## O encontro de um descrente com a quiromancia e o umbandismo

Foi um encontro sem muito preparo, acidental até. Desses encontros que têm sabor de mistério e que não se pode deixar para amanhã sob pena de uma noite indormida. O primeiro contato foi no centro do Recife, na Ponte Duarte Coelho. Uma mão atravessa com competência a nossa caminhada e passa o convite. O jeito é apanhar o papel e malhar a curiosidade. Lá está: "Marque um encontro com a realidade". O convite é de uma certa Mãe Verônica, "uma das mais célebres quiromantes de todos os tempos, com 18 anos de oferecimentos ao público pernambucano de seus altos conhecimentos sobre quiromancia e umbandismo".

Quiromancia é a adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão. Umbandismo é a sistematização das várias tendências da umbanda, que é a forma cultural originada da assimilação de elementos religiosos afro-brasileiros pelo espiritismo brasileiro urbano; magia branca. É o que ensina o Novo Aurélio.

O convite é mais incisivo e persuasivo. Diz que os trabalhos de Mãe Verônica são feitos com clareza e grande força espiritual, estando apta a resolver qualquer problema de seus clientes no prazo mais breve possível, por mais difícil que seja. A primeira idéia é de pedir para ela preencher o cartão da Loto, mas fica evidente que se as forças sobrenaturais chegassem a tanto, dificilmente leríamos o convívio da Mãe Verônica. Pra não entusiasmar demais os incautos, ela é explícita e dá algumas dicas do seu poder: desvenda a sua vida com clareza, cura vícios, doenças, resolve casos amorosos, intrigas e um arqui-misterioso "qualquer flin". E o compromisso não é apenas com o presente, mas com o passado e com o futuro.

### Vamos lá pagar para ver

O endereço é fácil: Rua Visconde de Gotiana, 84, Boa Vista. Vamos ter nosso primeiro contato com o ocultismo. A rua tem cheiro de passado e lembra Interior. As pessoas ainda se debruçam na janela pra ver o tempo passar, tem meninos nas calçadas e a sombra que convivia a uma boa tarde de gamão. A casa da Mãe Verônica é a única que tem um chamamento, um letreiro de acrílico, reproduzindo alguns dos talentos da vidente e informando sobre o elastíssimo horário de atendimento: das 7 às 22 horas.

Uma grade de ferro e uma entrada com jeito de garagem, quebram a expectativa de um território povoado por exus, com cheiros exóticos, o silêncio e a paz dos cemitérios. Na pequena sala de espera não tem ninguém. Ou o encarregado da propaganda está falando no serviço ou a situação não tá pra quiromancia. Dou de cara com um casal de pretos velhos, de quase um metro, trabalhados no gesso.

Chega Mãe Verônica. É uma dona de casa normal, sem carisma. Nem de longe lembra ocultismo. Difícil se ver por trás daqueles olhos entediados mais que a ansiedade de atender ao primeiro cliente do dia. Arrisco perguntar o preço da consulta. "Tem de 10, 20 e 30 mil cruzeiros". Não tenho coragem de perguntar, de cara, a diferença. Ela parece ter pressa. A Mãe Verônica veste um blusão branco e não sei porque não me sai da cabeça a idéia de que estou entrando num salão de barbeiro.

### Quando o mistério começa

Mesas cobertas de ícones, da igreja católica, da umbanda, dos ritos orientais. De confisco a São Francisco de Assis. Pretos



e índios tudo cobrindo o pequeno espaço que faz o mundo místico de Mãe Verônica. Uma mesinha coberta de veludo branco tem mais ícones, copos d'água e uma "bola de cristal". Ela manda que eu coloque as mãos sobre a mesa e coloca a "bola de cristal" entre nós dois. Tento ver alguma coisa e só vejo os pequenos círculos provavelmente provocados pelo ar quando da fabricação da bola de vidro. É uma bola sem encanto, uma bola-de-gude gigante sobre uma base

de gesso. Ao lado da mesa, cobrindo o chão, velas coloridas e dos mais variados tamanhos, acesas, em cima de pedaços de papel.

— Quer serviço completo ou só uma parte?

— Completo, quantos é?

— Trinta mil cruzeiros.

O serviço completo é com bola de cristal. Mãe Verônica não perde tempo para meditação. Ela fixa um ponto qualquer na bola e vai soltando uma tempestade de frase

que parecem estar cristalizadas ali naquelas imagens de gesso, nas velas, na bola de vidro, nos copos d'água. São frases de quem está cumprindo o dever de casa, dando o recado de memória. As frases falam de muita saúde, de pequenos desacerdos em família, de inveja no trabalho, de futuro feliz, de melhoria das condições financeiras...

Na parede atrás de Mãe Verônica alguns diplomas atestam que ela é versada em talentos especiais em coisas do espírito. Ao lado, figuras de barro, pintadas de vermelho completam o sincretismo onde muita gente encontra o clima para acalmar ódios ou alimentá-los contra alguém, espera fortunas e até fazer conquistas amorosas ou cura o que a medicina tradicional não pôde. Se ali estavam 18 anos de altos conhecimentos de quiromancia e umbandismo, muita gente por aí tá sendo enganada.

A tempestade continua. Certamente, haverá videntes e videntes. Aquela mais me lembrava a história do vidente de Quipapá, no Interior de Pernambuco, que atraiu quase toda a feira num dia de sábado. Depois dos introdutórios no estilo mambembe que fascina o espírito incerto e simples do homem do Interior, o tal vidente começou a interperlar um malute para mostrar que entendia de passado do presente e do futuro. Tal e qual Mãe Verônica:

— Você às vezes sente uma vontade danada de dormir de tarde, na hora do trabalho, não é?

— É sim sinhô.

— Às vezes seus fio dá muita dor de cabeça no sinhô, num é verdade?

— É sim sinhô.

E as perguntas continuaram, sempre com respostas positivas e um assombro começava a tomar conta daquela gente simples, por ver que o homem sabia tanto da vida das pessoas.

— Às vezes o sinhô fica assim sem fome, como quem acabou de comer um boi, vê a comida na sua frente e não quer comer, não é verdade?

Para assombro geral, a resposta veio diferente:

— Tal, isso num é não sinhô!

— Pois é sua felicidade isso num acontecer — completou o "vidente".

Mais e mais eu lembrava dessa história e precisava fazer muita força para não rir, quando terminou a sessão da bola de cristal. Decididamente, estava comprovando minha capacidade de um dia acreditar na quiromancia, no urbanismo ou coisas parecidas, mas era preciso uma segunda tentativa. Entrei numa fase complementar, que me custaria mais Cr\$ 20 mil. Foi o "replay" da sessão anterior, agora com cartas mostrando castelos, cisnes, leões, jardins, casinhas, figuras exóticas.

Mais do que isso, só a purificação. Constaria de 12 velas brancas, 7 velas azuis, 7 velas verdes, 7 velas amarelas e mais de outra cor, cada uma custando Cr\$ 4.100. Entendi o que faziam aquelas velas que me esquentavam as pernas, sobre pedaços de papel. Ali estavam os nomes e endereços das pessoas que queriam se purificar. No meu caso, preferi carregar para fora dali o peso das impurezas, porque o banho me parecia caro demais. Dei-me por satisfeito de meu primeiro — e provavelmente último — encontro com o ocultismo. Como consolação, recebi a "Prece dos Pretos Velhos", uma "oferta gratuita" de Mãe Verônica, espírito, vidente, 18 anos de altos conhecimentos do presente, do passado e do futuro das pessoas.

JODEVAL DUARTE

## "A prece dos pretos velhos"

"Louvados sejam todos os Pretos Velhos. Louvados sejam vós que formais o santíssimo rosário da Virgem Maria. Santas Almas Benditas, protetoras de todos aqueles que se encontram em aflição. A vós recorremos espíritos puros pelos sofrimentos, grandiosos pela humildade e bem-aventurados pelo amor

que irradiam, socorrem-me pois encontro-me em aflição.

Conceda-me meus bondosos Pretos Velhos a graça de (pede-se a graça que deseja alcançar) através de Vossa intercessão junto a Santa Virgem Maria Santíssima Mãe de Deus e de todos nós.

Dai-me meus Pre-

tos Velhos um pouco de Vossa humildade, de Vossa amor e de Vossa pureza de pensamentos, para que possa cumprir a minha missão na terra, seguindo todos os Vossos exemplos de bondade.

Louvadas sejam todas as Santas Almas Benditas Tenham piedade de nós. Assim seja".